


## Temas clássicos em “Civilização”, de Eça de Queirós

### Classical themes in Eça de Queirós' "Civilization"

Matheus Trevizam  0000-0002-1744-3380  9371338613375993  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

---

**Resumo:** Neste artigo, destacamos que a Literatura corresponde a um Sistema, não só a um grupo de autores operando isoladamente. Dessa forma, autores muito “distantes” entre si (por vezes, séculos) podem repercutir-se. É precisamente o que ocorre no conto “Civilização”, do escritor português José Maria de Eça de Queirós (1845-1900), com a retomada do tema clássico da contraposição entre a cidade e o campo. Na verdade, desde a *Iliada* e a *Odisseia* homérica, passando pelos poetas romanos Horácio e Virgílio (séc. I a.C.), os autores do Ocidente têm adotado a prática de comparar esses dois ambientes e as implicações humanas envolvidas. O contista dos novecentos, ainda, incorpora elementos especificamente bucólicos ao conto citado, a exemplo do *tópos* do *locus amoenus*.

**Palavras-chave:** Literatura ocidental. Tradição. Clássicos. Conto. Imaginário rural.

---

**Abstract:** In this article, we put in evidence that Literature corresponds to a System, not only to a group of writers acting in an isolated way. Thus, authors very “far” from one another (sometimes, centuries apart) may influence each other. This is exactly what happens in the story called “Civilization”, whose author is the Portuguese writer José Maria de Eça de Queirós (1845-1900), through the recovery of the classical theme of counterpoint between the city and the countryside. In fact, since Homer’s *Iliad* and *Odyssey*, going through the Roman poets Horace and Virgil (1st. century B.C.), occidental authors have been adopting the practice of comparing these two environments and the human implications involved. Moreover, the storyteller of the nineteenth century incorporates elements that are specifically bucolic in the narrative mentioned, such as the *tópos* of *locus amoenus*.

**Keywords:** Western Literature. Tradition. Classics. Short-story. Rural imaginary.

---

## Introdução

Considerando as várias obras e autores da Literatura universal, é-nos forçoso constatar que não operam, em absoluto, de maneira isolada. Como se se tratasse o domínio das Letras de uma vasta teia com fios interligados, tais obras e autores, com muita frequência, tocam-se mutuamente, puxam seu veio narrativo de outros, “conversam” entre si. Desejosos de comentar esse aspecto da grande “teia” literária no Ocidente, tomamos como exemplo prático o conto “Civilização” (1892), do romancista português José Maria de Eça de Queirós (1845-1900).

Esse conto, que depois seria expandido e reelaborado no romance *A cidade e as serras* – publicado postumamente em 1901 (SARAIVA, 2010) –, em princípio apresenta ao leitor temas inseridos na problemática relativa à fidalguia portuguesa do século XIX. O protagonista de uma e outra produção de Eça de Queirós, a saber, é o invariável Jacinto, jovem aristocrata de sangue luso, por qualquer motivo desenraizado de suas origens. Detendo-nos na trama do conto, não do romance, conta-nos o escritor que sua personagem “nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado” (QUEIRÓS, 1945b, p. 79).

Desde sempre, no entanto, desterrado em alguma cidade não nomeada (Lisboa?),<sup>1</sup> em meio a luxos urbanos completamente supérfluos<sup>2</sup> – bem como afetado por uma apatia cada vez mais arrebatadora –, Jacinto desconhecia as terras nas quais sua família fincara longínquas raízes:

Ora justamente depois desse Inverno, em que ele se embrenhara na moral dos negroides e instalara a luz eléctrica entre os arvoredos do jardim, sucedeu que Jacinto teve a necessidade moral iniludível de partir para o Norte, para o seu velho solar de Torges. Jacinto não conhecia Torges, e foi com desusado tédio que ele se preparou, durante sete

---

<sup>1</sup> Não por acaso, a cidade que se focaliza em *A cidade e as serras* é a própria Paris, por sua óbvia condição de “capital do século XIX”, para empregarmos uma fórmula depois cristalizada pelo ensaio homônimo de Walter Benjamin (1935).

<sup>2</sup> Queirós, 1945b, p. 87-88: “Entre essas duas varandas rebrilhava a mesa de toilette, uma mesa enorme de vidro, toda de vidro, para a tornar impenetrável aos micróbios, e coberta de todos esses utensílios de asseio e alinhamento que o homem do século XIX necessita numa capital, para não desfear o conjunto suntuário da civilização. (...) Cada um desses utensílios de aço, de marfim, de prata, impunham ao meu amigo, pela influência onipoderosa que as coisas exercem sobre o dono (*sunt tyranniae rerum*), o dever de o utilizar com aptidão e deferência. E assim as operações de alinhamento de Jacinto apresentavam a prolixidade, reverente e insuprimível, dos ritos dum sacrifício”.

semanas, para essa jornada agreste. A quinta fica nas serras – e a rude casa solarenga, onde ainda resta uma torre do século XV, estava ocupada, havia trinta anos, pelos caseiros, boa gente de trabalho, que comia o seu caldo entre a fumaça da lareira, e estendia o trigo a secar nas salas senhoriais (QUEIRÓS, 1945b, p. 91).

A partir de mera precisão, portanto, esse protagonista deixa o palácio de nascimento, chamado “Jasmineiro”, e, na terceira parte do conto, segue à herdade do Norte de Portugal, a qual descobre com surpresa em seus defeitos e (sobretudo) encantos. Com isso, descortina-se para Jacinto todo um novo modo de vida, bem como a possibilidade de rever o duro pessimismo que uma existência de ócio e certas leituras alimentavam.<sup>3</sup> Em tom intimista, lembramos, essa história é narrada em primeira pessoa por José/um amigo da personagem aristocrática referida, o qual depois ressurgiria em *A cidade e as serras* com o nome de “Zé Fernandes” (EL FAHL, 2010, p. 12) e acompanha Jacinto na viagem ao Norte, pois sua tia habitava “a uma légua farta de Torges” (QUEIRÓS, 1945b, p. 91).

Diante desse panorama narrativo, o contista entrelaça habilmente temas clássicos ou, mesmo, chega a evocar explícitas passagens da Literatura greco-romana, tornando tais elementos parte integrada do relato. Semelhantes pontos de contato com a Antiguidade, abundantes ao longo das linhas de “Civilização”, fazem-se presentes no conto desde a primeira página, quando o escritor registra, sobre um dos aspectos da boa sorte de Jacinto, que, nas amizades, “foi sempre tão feliz como o clássico Orestes” (QUEIRÓS, 1945b, p. 79).

Evidentemente, aqui se menciona a figura mítica de Orestes, filho do rei Agamêmnon de Tebas e escolhido pelos fados para vingar a morte de seu pai, o qual fora assassinado pela esposa, Clitemnestra, e pelo amante dela, Egisto, no retorno da Guerra de Troia (HORNBLOWER; SPAWFORTH, 2003, p. 1074). Para o cumprimento de sua missão – tendo Orestes, de fato, matado a própria mãe e Egisto –, ele pôde contar, no momento decisivo, com a fiel cumplicidade de Pílates. Esse, que era um primo originário da Fócida, acabou de todo irmanado ao príncipe, do qual veio a tornar-se uma espécie de *alter ego*, conforme descreve Eurípides na tragédia *Electra*.

Atentos, então, às muitas pistas disseminadas por Eça de Queirós ao longo de “Civilização”, propomo-nos, nas seções subsequentes do artigo, sobretudo a examinar o modo de incorporação do contraste entre cidade e campo, bem como do *tópos* do *locus amoenus*, ao relato.

---

<sup>3</sup> “E, todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do Eclesiastes, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava com um bocejo cavo lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Por quê?” (QUEIRÓS, 1945b, p. 80).

## 1 Contraposição entre cidade e campo em autores da Antiguidade greco-romana

O tema da contraposição entre cidade e campo, não necessariamente em detrimento do primeiro tipo de espaço, é tão antigo quanto os primórdios da Literatura no Ocidente. Perpassando alguns exemplos antes de chegarmos às *Laudes ruris*/ “Elogio do campo” das virgilianas *Geórgicas* (livro II, v. 490-540), a *Odisseia* homérica (séc. VIII a.C.) já contrapunha em mais de uma passagem vida e costumes urbanos, de um lado, e vida e costumes rurais, de outro.

Como explicou Edwards (1993, p. 29-30), nessa épica há contrastes na atribuição de sentidos aos espaços intra (urbanos) e extramuros (agrário-pastoris ou naturais). Em canto VI, v. 7-10, a saber, fala-se da fundação de uma urbe pelo feácio Nausítoo, na qual, depois de delimitar o recinto com uma muralha, ele organizou moradas para os homens e templos para os deuses; apenas *seguidamente* os campos vizinhos partilharam de algo dessa dimensão “cósmica” – no sentido grego de “organizacional” – do controle humano, quando o fundador tomou a frente e dividiu as terras em lotes.

A *ékphrasis* referente aos relevos do escudo de Aquiles (canto XVIII, v. 556-560) na *Ilíada*, por sua vez, contrastava numa cena as ocupações de um rei, que governa a cidade de cetro na mão, e as de camponeses a trabalharem a terra com instrumentos agrícolas; o alimento do soberano, em banquete servido sob uma árvore, é a carne bovina, enquanto os agricultores contentam-se em comer cevada que as mulheres preparam, sendo elas, talvez, suas humildes esposas. No entender do filólogo (EDWARDS, 1993), a cena refletiria certa visão homérica a respeito de uma forte hierarquização no jogo de forças entre a cidade e o campo, como se a primeira, concentrando em si as riquezas<sup>4</sup> e as instituições de poder, tivesse de algum modo “preeminência” sobre o outro espaço.

Em porções mais adiantadas da *Odisseia*, no entanto, quando Odisseu retorna à Ítaca natal e encontra seu palácio – ou mesmo o centro urbano onde se localiza – dominado pelos (soberbos e pródigos) pretendentes à mão de Penélope, Homero parece acenar para relativa modulação de perspectivas.<sup>5</sup> Assim, sabemos, as humilhações que o herói – disfarçado de

---

<sup>4</sup> “Just as the city possesses wealth in the form of treasure and the products of *téchne*, so the countryside has its peculiar wealth, but this is owned and controlled by the inhabitants of the *pólis*”. – “Assim como a cidade possui riqueza em forma de tesouro e produtos da *téchne*, o campo tem sua riqueza peculiar, mas esta é propriedade e controlada pelos habitantes da *pólis*” (EDWARDS, 1993, p. 39, trad. nossa).

<sup>5</sup> “The suitors’ domination of the *pólis* requires a reevaluation of the region outside the city walls and a consequent inversion in this section of the poem of the normative ethical hierarchy relating country to city. [...] While the country is ennobled in this segment of the *Odyssey* as a foster home to the aristocratic virtues of

mendigo – sofreria no palácio, inclusive por parte de uma criadagem corrompida, têm como contraponto a lealdade “agrária” do porqueiro Eumeu (canto XIV, v. 373-377), o qual evita ir à cidade, o gesto semelhante de Laertes (canto XI, v. 195-196), velho pai de Odisseu sempre à espera do filho em meio à lida campesina etc. (EDWARDS, 1993, p. 49-50).

Também o grego Hesíodo de Ascra (séc. VIII-VII a.C.) e, séculos depois, o poeta Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C.) contrapõem, à sua maneira, cidade e campo: o primeiro, autor d’*Os trabalhos e os dias*, poema hexamétrico de enaltecimento da labuta como parte dos desígnios de Zeus para o homem, contrasta em v. 27-29 a ociosidade de Perses, seu irmão, em meio aos afazeres judiciários inúteis da ágora/prança urbana, e as muitas tarefas necessárias, nesse ínterim, na fazenda (EDWARDS, 2013, p. 97). A tradição, por sinal, atribui a esse irmão uma conduta desonesta e, justamente, vinculada a processos escusos:

O tema exterior do poema de Hesíodo é o processo com o seu irmão Perses, invejoso, briguento e preguiçoso, que, depois de ter malbaratado a herança paterna, insiste constantemente em novos pleitos e reclamações. Da primeira vez conquistou a boa vontade do juiz por meio de suborno. A lua entre a força e o direito que se manifesta no processo não é, evidentemente, um assunto meramente pessoal do poeta; este torna-se, ao mesmo tempo, porta-voz da opinião dominante entre os camponeses (JAEGER, 2003, p. 87).

A existência de uma passagem semelhante à que acabamos de comentar, n’*Os trabalhos hesiódicos*, não nos deve levar a crer que esse poeta tenha estabelecido cerrada dicotomia, como se o ambiente urbano sempre fosse associável à injustiça e à dedicação a afazeres infrutíferos, enquanto toda a positividade de caracterização caberia ao campo. De fato, entre v. 230-234 e, em seguida, v. 242-247, esse poeta contrapõe dois ambientes *urbanos*, conforme sejam justos ou injustos: como nos faz lembrar Edwards (1993, p. 53), a cidade justa apresenta como signos de sua bem-aventurança a própria fertilidade da terra que lhe pertence, mas aquela injusta é marcada pela peste, pela fome, pela destruição de si mesma, de suas muralhas e de seus navios. Esse contraponto de caracterizações de um espaço de “mesmo” tipo, ainda, parece ao filólogo anglófono (EDWARDS, 1993, p. 53) altamente

---

greatest significance to the poem, still the *agrós* is not presented as a model for aristocratic life. The Ithacan *agrós* is preferable to the Ithacan *pólis* under the suitors, but it is not elevated above a Sparta or Phaeacia”. – “A dominação da *pólis* pelos pretendentes exige uma reavaliação da região extramuros da cidade e uma consequente inversão, nesta parte do poema, da hierarquia ética normativa que relaciona o campo e a cidade. [...] Embora o campo seja enobrecido, neste segmento da *Odisseia*, como lar acolhedor de virtudes aristocráticas da maior importância para o poema, ainda assim não se apresenta como modelo para a vida aristocrática. O *agrós* itacense é preferível à *pólis* itacense sob os pretendentes, mas não se eleva acima de uma Esparta ou uma Feácia” (EDWARDS, 1993, p. 53, trad. nossa).

evocativo do modo como Homero contrapõe a *díke*/ “justiça” dos campos de Ítaca à *hýbris*/ “violência” da cidade, sob os malefícios causados pelos pretendentes.

Em Horácio, em *Sermones*/ “Sátiras” (livro II.VI, v. 79-117), conta-se a fábula do rato do campo e do rato da cidade: tendo, assim, o urbano visitado o agrário em seu modesto *cauus*/ “buraco” rural, desgostou-se com a pobreza do espaço e dos alimentos que o outro lhe servia – o frugal grão-de-bico, passas, nacos de toucinho meio roído etc. – e convidou-o à metrópole. Ali, em meio ao luxuoso ambiente de um palácio onde estofos purpúreos recobriam leitos de marfim, iguarias sem conta sucediam-se em um banquete, até que o salão foi invadido pelos raivosos latidos de cães molossos e o rato do campo, desiludido dessa vida de fausto, decidiu tornar ao seu pobre sossego.

Schoeder (1944, p. 113), notando que essa não constitui a única ocasião em que Horácio se serviu do meio instrutivo da fábula para moralizar em seus *Sermones* – a terceira sátira do livro II, assim, contava-nos, entre v. 314-320, o relato sobre a rã que tentou inflar a própria pele para parecer-se tão grande quanto um boi e, enfim, explodiu etc. –, no entanto destaca algumas qualidades narrativas do trecho que, aqui, temos explorado:

O terror repentino de ambos com a entrada dos cães transmite a moral de Horácio de uma forma que dificilmente poderia ser mais pitoresca e contundente. A fábula inteira é tratada com habilidade magistral e é notável por sua concisão, boa escolha e posicionamento de palavras, descrição vívida e humor satírico. É claramente um ornamento e uma passagem de alto efeito satírico.<sup>6</sup>

Nas supracitadas *Laudes ruris* de Virgílio, por sua vez, temos duas grandes seções: naquela inicial, entre v. 495-512 – depois da declaração do poeta de que, sendo os sábios felizes ao seu modo, os camponeses, em sua devoção ingênua e simplicidade, também o são –, expõem-se vários males urbanos: as ambições políticas e a cobiça por bens materiais; as guerras (civis ou externas); a inveja diante dos ricos e a comiseração diante dos pobres; a dureza das leis; a insanidade do fórum; a sofreguidão por arrojarse ao mar ignoto e às armas, em busca de poder e riquezas; o luxo de beber em copos cravejados de gemas e o de dormir sobre púrpura, todavia adquirindo-os por meio de saques; a obsessão de esconder o próprio ouro, por medo; a ilusória estupefação diante de instáveis assembleias humanas; o fratricídio e o exílio. Na outra, entre v. 513-540, abre-se ao leitor um panorama bem mais harmônico:

---

<sup>6</sup> “The sudden terror of both on the entry of the hounds conveys Horace’s moral in a way that could hardly be more picturesque and forceful. The whole fable is handled with masterly skill, and is notable for its succinctness, fine choice and position of words, vivid depiction, and satiric humor. It is clearly both an ornament and a passage of high satiric effect” (SCHOEDER, 1944, p. 113, trad. nossa).

O agricultor lavra a terra com o curvo arado:  
 com isso anual labor, com isso a pátria e os netinhos  
 mantém, com isso manadas de bois e úteis novilhos. 515  
 Nem há descanso sem abundar o ano em frutos,  
 na cria dos rebanhos ou no feixe da haste cereal,  
 sem encher os sulcos com lucro e extravasar os celeiros.  
 Chega o inverno: é pisada a baga de Sícion<sup>7</sup> por mós,  
 porcos vêm alegres com a bolota, bosques dão medronhos;  
 oferece variado fruto o outono, e, no alto,  
 suave vindima se recoze em rochas ensolaradas.  
 Nesse ínterim, doces filhos pendem junto a beijos,  
 a casa casta guarda o pudor,<sup>8</sup> leitosos úberes  
 de vacas manam e, na relva viçosa, gordos 525  
 bodes lutam entre si, com chifres opostos.  
 Ele mesmo celebra dias festivos espalhado pela relva,  
 quando se circunda a fogueira e os pares coroam crateras:  
 com libações, Leneu, invoca-te e estabelece junto ao olmo  
 certames de dardo veloz para o mestre de rebanhos;  
 desnudam-se corpos resistentes no ginásio rústico.  
 Tal vida tiveram outrora os Velhos sabinos,<sup>9</sup>

tal Rômulo e o irmão; assim a forte Etrúria cresceu,  
 naturalmente, Roma tornou-se a mais bela das coisas,  
 e, una, encerrou para si sete colinas intramuros. 535  
 Antes, ainda, do cetro do rei Dicteu e antes  
 que um povo ímpio comesse novilhos abatidos,

<sup>7</sup> “Baga de Sícion” refere-se, no contexto, às azeitonas que eram esmagadas em prensas para a obtenção do azeite. Sícion, ainda, designa uma cidade do Peloponeso, onde, segundo certa lenda contada por Pausânias (II. VI, 3), havia uma fonte que manava azeite (VIRGIL, 2003, p. 273).

<sup>8</sup> Esse pormenor encontra correspondências no conto “Civilização”, pois ali o narrador diz ter ouvido que o protagonista, Jacinto, “vai casar com uma forte, sã e bela rapariga de Guiães. Decerto crescerá ali uma tribo, que será grata ao Senhor!” (QUEIRÓS, 1945b, p. 111). Em *A cidade e as serras*, por fim, o Jacinto do romance acaba por casar-se, também no campo, com uma moça chamada Joanhinha (JURADO, 2014, p. 116).

<sup>9</sup> O País sabino, na Itália central, sendo uma região montanhosa e agrícola, concentrava população de traços tradicionalistas, com fama de aguçada religiosidade; por outro lado, esse povo mesclou-se aos romanos desde épocas muitos recuadas, com atesta o mito do rapto das sabinas pelos homens de Rômulo, o qual encontramos em Tito Lívio (*História de Roma* I.IX, 1-16).

Saturno de Ouro tinha tal vida nas terras;  
ainda não ouviram trombetas ser sopradas, ainda não  
crepitarem espadas postas sobre duras bigornas.<sup>10</sup>

Ressoam, no trecho transcrito, muitos sentidos de importância para a cultura latina: assim, a imagem do *agricola*/ “agricultor” que sustenta a família e a pátria com o suor de seu rosto, daí obtendo honesta prosperidade, remonta às origens camponesas da grande Roma (BARCHIESI, 1982, p. 76-77). Na verdade, tendo-se originado como uma pequena comunidade agropastoril do Lácio em meados do séc. VIII a.C., a Cidade viu, por gerações, os cidadãos repartirem seu tempo entre a lida camponesa e a defesa da pátria pelas armas. Cria-se, ainda, que esse modo de vida empenhado – nos campos de cultivo e/ou de batalha – fora o responsável tanto pelo vigor psicossomático dos ancestrais quanto pelas forças crescentes de uma Roma que construíam com afinco (CATÃO, *Da agricultura* – próêmio; VARRÃO, *Das coisas do campo* II – próêmio; CATO; VARRO, 1934).

Do ponto de vista mítico, Virgílio liga essa passagem ao relato hesiódico (*Os trabalhos e os dias*, v. 111 *et seq.*) da Idade Áurea – sendo tal Era a primeira da trajetória humana neste mundo –, quando não reinava o “rei Diteu”/ Júpiter e seu pai, Saturno, ainda vagava por terras onde havia bonança e fartura, nenhuma violência. Então, o panorama da vida rural, conforme esboçado pelo poeta latino nestas *Laudes*, constrói-se retoricamente como contraponto positivo de uma “realidade” urbana negativa: onde há luxos supérfluos ali (v. 506-507), há trabalho e frugalidade aqui (v. 513-518); onde há disputas fratricidas e guerras ali (v. 496-497 e v. 510), há alegres competições “esportivas” aqui (v. 529-531); onde há impiedade ali (v. 505), há a celebração festiva de um deus de cariz rústico como Leneu/Baco aqui (v. 329) etc.

Segundo nota Barchiesi (1982, p. 79), em seu processo de compor tais *Laudes*, Virgílio operou seletivamente, preferindo deixar de lado a imagem conjunta do soldado-

<sup>10</sup> *Agricola incuruo terram dimouit aratro:/ hic anni labor, hinc patriam paruosque nepotes/ sustinet, hinc armenta boum meritosque iuuenos./ Nec requies, quin aut pomis exuberet annus/ aut fetu pecorum aut Cerealis mergite culmi,/ prouentuque oneret sulcos atque horrea uincat./ Venit hiems: teritur Sicyonia baca trapetis,/ glande sues laeti redeunt, dant arbuta siluae;/ et uarios ponit fetus autumnus, et alte/ mitis in apricis coquitur uindemia saxis./ Interea dulces pendent circum oscula nati,/ casta pudicitiam seruat domus, ubera uaccae/ lactea demittunt, pinguesque in gramine laeto/ inter se aduersis luctantur cornibus haedi./ Ipse dies agitat festos fususque per herbam,/ ignis ubi in medio et socii cratera coronant,/ te libans, Lenaeae, uocat pecorisque magistris/ uelocis iaculi certamina ponit in ulmo./ corporaque agresti nudant praedura palaestra./ Hanc olim ueteres uitam coluere Sabini,/ hanc Remus et frater; sic fortis Etruria creuit/ scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma,/ septemque una sibi muro circumdedit arces./ Ante etiam sceptrum Dictaei regis et ante/ impia quam caesis gens est epulata iuuenis,/ aureus hanc uitam in terris Saturnus agebat;/ necdum etiam audierant inflari classica, necdum/ impositos duris crepitare incudibus ensis (Virgílio, *Geórgicas* livro II, v. 513-540, trad. nossa).*



agricultor, em geral associada aos ancestrais de Roma, para reforçar, nos “atemporais” camponeses itálicos que inventa, além do caráter de supostos sobreviventes da “perfeita” Idade Áurea, eminente pacifismo:

Em todo o contexto dos *laudes*, a guerra é relegada ao espaço negativo da Cidade e as virtudes da guerra não podem ser recuperadas entre os valores positivos. Por esta razão, a ligação tradicional entre a vida agrícola e as virtudes do guerreiro é constantemente colocada entre parênteses.<sup>11</sup>

Fazemos notar, todavia, que a imagem dos camponeses esboçada por Virgílio ao longo das *Geórgicas* não é de todo coerente: longe de corresponderem sempre, nesse poema didático, a seres alheios a qualquer belicosidade, por vezes se mostram bem mais próximos do ideário romano do bom cidadão como espécie de agricultor-soldado. Então, fala-se em *arma* / “armas” dos agricultores, não, propriamente, em instrumentos agrícolas em *Geórgicas* I (v. 160) e em outras passagens, como que a indicar ser a lida agrícola, ao seu modo, uma espécie de combate humano contra a inclemência dos elementos (sol, chuvas, ventos, granizos, pragas e insetos da lavoura...).

## 2 Tema e *tópos* clássicos no conto “Civilização”

Passando, propriamente, à abordagem desses temas no conto “Civilização”, fazemos atentar para os comentários de Saraiva (2010, p. 130), para o qual haveria, em *A cidade e as serras*, “dois painéis que se contrastam, o da vida na cidade (que é Paris) e o da vida no campo, nas serras do Minho”. Como dissemos, o romance referido apenas expande e desenvolve motivos já contidos essencialmente no conto, não nos parecendo abusivo empregar a “mesma” fórmula básica para essa produção inicial. De fato, nas duas primeiras partes do conto, o autor focaliza a vida urbana de Jacinto no “Jasmineiro”; a partir da terceira, essa personagem parte com o amigo José para as terras de Torges – em uma viagem na qual há imprevistos e extravios de bagagens – e não mais as deixa; na quinta e última parte, apenas José retorna temporariamente ao palácio da cidade a fim de recuperar alguns poucos livros da biblioteca de Jacinto – uma *Vida de Buda*, uma *História da Grécia* e as obras de S. Francisco de Sales – para o amigo.

---

<sup>11</sup> “In tutto il contesto delle *laudes* la guerra è relegata nello spazio negativo della Città e le virtù belliche non possono essere recuperate tra i valori positivi. Per questo il nesso tradizionale tra vita agricola e virtù guerriere è costantemente messo tra parentesi” (BARCHIESI, 1982, p. 79, trad. nossa).

De forma bastante simétrica, assim, a viagem e chegada da terceira parte marcam um ponto de virada na trama do conto, de modo que as impressões a respeito da urbe – basicamente restritas a seus reflexos sobre o “Jasmineiro” – concentram-se nas partes de número um e dois, enquanto aquelas a respeito do campo ganham pleno desenvolvimento nas partes quatro e cinco. Em seu conjunto, o quadro diferenciador estabelecido entre tais pares de porções narrativas favorece o estabelecimento de alguns eixos opositivos, entre os quais destacaremos, para comentário, 1. a aparência do protagonista; 2. o estado de espírito da mesma personagem; 3. a aparência e disposição do “Jasmineiro”/ da casa rural de Torges; 4. alguns hábitos cotidianos dos indivíduos em um e outro espaço; 5. o aspecto sonoro.

Fisicamente, Jacinto, que andava por volta dos trinta anos, 1. é apresentado desde o começo como um indivíduo de boa saúde;<sup>12</sup> isso não o livra, porém, da melancolia e de algo de frágil ou enfermigo na aparência, apenas *enquanto vivia na cidade*:

E, todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do Ecclesiastes, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava com um bocejo cavo lento, passando *os dedos finos* sobre as faces, como se nelas só palpasse *palidez e ruína*. Por quê? (QUEIRÓS, 1945b, p. 80 – primeira parte, grifos nossos).

E todavia bocejava constantemente, palpava na face, com *os dedos finos, a palidez e as rugas*. Aos trinta anos Jacinto corcovava, como sob um fardo injusto! [...] Neste mover lento *do braço magro*, mesmo nos seus silêncios, longos e derreados, se sentia o brado constante que lhe ia na alma: – *Que maçada!* (QUEIRÓS, 1945b, p. 89 – segunda parte, grifos nossos).

Era o nosso Jacinto. E imediatamente o comparei a uma planta, meio murcha e estiolada no escuro, que fora profusamente regada e revivera em pleno sol. *Não corcovava*. Sobre a sua palidez de supercivilização, o ar da serra ou a reconciliação com a vida tinham espalhado um *tom trigueiro e forte que o virilizava soberbamente*. *Dos olhos*, que na cidade eu conhecera sempre crepusculares, *saltava agora um brilho de meio-dia, decidido em largo*, que mergulhava francamente na beleza das coisas. Já não passava *as mãos murchas sobre a face – batia com elas rijamente na coxa...* Que sei eu? Era uma reencarnação (QUEIRÓS, 1945b, p. 107 – quinta parte, grifos nossos).

---

<sup>12</sup> “Não teve sarampo e não teve lombrigas”./“Ele tinha a sua inabalável saúde de pinheiro bravo, crescido nas dunas [...]” (QUEIRÓS, 1945b, p. 79 e p. 89).

Embora os dados acima apresentados falem por si, destacamos a ideia de Jacinto – pelo próprio nome –<sup>13</sup> corresponder a uma “planta” (flor ou “pinheiro”) cujo natural terreno de implantação não era a estufa superprotegida do “Jasmineiro”, mas sim a quinta ampla das serras, com o sol, os ventos, as chuvas e a força de um solo suficientemente atrativo para fazê-lo fincar raízes (QUEIRÓS, 1945b, p. 107 – quinta parte).<sup>14</sup> Esse sentimento de familiaridade entre o protagonista de “Civilização” e a vida vegetal é ainda reforçado quando Eça de Queirós diz que ele, “com a mão espalmada e forte, batia no tronco dos castanheiros, como nas costas de amigos recuperados” (QUEIRÓS, 1945b, p. 107-108 – quinta parte, *grifos nossos*); ou mesmo quando registra sua fala enternecida sobre a beleza singela da flora: “*Que encanto, a flor do trevo!*” (QUEIRÓS, 1945b, p. 108 – quinta parte, *grifos nossos*).

Um aspecto de contraste contíguo a esse diz respeito 2. ao psiquismo do protagonista de “Civilização”, antes e depois da descoberta de Torges: o cansaço e o tédio diante de uma existência demasiado fácil – e vazia – caracterizavam-no, evidentemente, na fase urbana.<sup>15</sup> Por outro lado, após a atribuição de novo e útil sentido à sua vida, notamos que Eça esboça para Jacinto contornos de um espírito são, dotado de alegria e propósitos:

À noite, depois de um cabrito assado no forno, a que mestre Horácio teria dedicado uma Ode (talvez mesmo um Carme Heroico) conversámos sobre o Destino e a Vida. Eu citei, com discreta malícia,

<sup>13</sup> Na mitologia grega (EL FAHL, 2010, p. 11-12), Jacinto era um belo e jovem atleta que Apolo amou e, ferido durante um acidente por um disco de arremesso, veio a morrer em seus braços. Do sangue do moribundo caído sobre a relva, no entanto, surgiu uma flor semelhante ao lírio – o *hiacynthus*/ “jacinto” –, mas arroxeadada e que rebrota a cada primavera (OVÍDIO, *Metamorfoses* X, v. 185 e v. 217). Embora essa personagem do mito não “reencarne”, como afirma Eça de Queirós (QUEIRÓS, 1945b, p. 107) em “Civilização”, evidentemente se metamorfoseia e renasce sempre.

<sup>14</sup> Raízes, essas, que remontam a toda uma ancestralidade: “E aí começamos a trepar, enfasiadamente, esses caminhos agrestes – os mesmos, decerto, por onde vinham e iam, de monte a rio, os Jacintos do século XV. Mas, passada uma trêmula ponte de pau que galga um ribeiro todo quebrado por fragas (e onde abunda a truta adorável) os nossos males esqueceram, ante a inesperada, incomparável beleza daquela serra bendita” (QUEIRÓS, 1945b, p. 94).

<sup>15</sup> “Quando Jacinto acabava de se enxugar laboriosamente a toalhas de felpo, de linho, de corda entrançada (para restabelecer a circulação), de seda frouxa (para lustrar a pele) *bocejava, com um bocejo cavo e lento*. [...] Claramente a vida era para Jacinto um *cansaço* – ou por laboriosa e difícil, ou por *desinteressante e oca*” (QUEIRÓS, 1945b, p. 89, *grifos nossos*). Em um ponto mas ao início da abordagem da toilette de Jacinto (QUEIRÓS, 1945b, p. 87), Eça ecoa o primeiro canto da *Eneida* de Virgílio (v. 462: *sunt lacrimae rerum, et mentem mortalia tangunt* – “são as lágrimas das coisas, e o que perece toca o peito”) quando diz, sobre a dura rotina a que os objetos de tocador obrigavam o amigo, *sunt tyranniae rerum* (“são as tiranias das coisas”). Naquele contexto, antigo, tratava-se de algo bem mais solene, ou seja, da comovidíssima expressão de Eneias diante da viva reprodução das cenas da Guerra de Troia em um painel decorativo posto sobre os muros do templo de Juno, em Cartago.

Schopenhauer e o Eclesiastes... Mas Jacinto ergueu os ombros, com seguro desdém. *A sua confiança nesses dois sombrios explicadores da vida desaparecera, e irremediavelmente, sem poder mais voltar, como uma névoa que o Sol espalha.* Tremenda tolice! Afirmar que a vida se compõe, meramente, duma longa ilusão – é erguer um aparatoso sistema sobre um ponto especial e estreito da vida, deixando fora do sistema toda a vida restante, como uma contradição permanente e soberba. Era como se ele, Jacinto, apontando para uma urtiga, crescida naquele pátio, declarasse, triunfalmente: ‘Aqui está uma urtiga! Toda a quinta de Torges, portanto, é uma massa de urtigas’. – Mas bastaria que o hóspede erguesse os olhos, para ver as searas, os pomares e os vinhedos! (QUEIRÓS, 1945b, p. 108 – quinta parte –, grifos nossos).

Habilmente, o contista serve-se do signo externo constituído pelas leituras de interesse de Jacinto a fim de indicar-lhe as distintas “tonalidades da alma”. Assim, deixando de lado o duro pessimismo de uma certa filosofia<sup>16</sup> e do *Eclesiastes* bíblico (SCANTIMBURGO, 1995, p. 190-191) como algo ultrapassado, o “novo” Jacinto de Torges, liberto dos excessos e do peso dos infundáveis volumes do “Jasmineiro”,<sup>17</sup> entrega-se agora à fruição seleta do *Quixote* cervantino<sup>18</sup> e dos clássicos antigos (QUEIRÓS, 1945b, p. 106) – também eles celebrantes do equilíbrio e da “salubridade” do campo, sabemos –, junto a uma vida de ativo empenho.<sup>19</sup>

Por sua vez, 3. difere o luxo demasiado da cidade, com seu atulhamento inútil, da leveza da casa rural dos Jacintos:

---

<sup>16</sup> Para uma notícia sumária sobre Schopenhauer, veja-se o link desta nota, o qual se encontra disponível com as seguintes coordenadas da Internet: <<https://www.dw.com/pt-br/1860-morria-schopenhauer-fil%C3%B3sofo-das-contradi%C3%A7%C3%B5es/a-6029990>> Acesso: 21 jul. 2021 (VALENTE, 2021).

<sup>17</sup> “E, pelo lado do pensamento, Jacinto não cessava também de buscar interesses e emoções que o reconciliassem com a vida – penetrando à cata dessas emoções e desses interesses pelas veredas mais desviadas do saber, a ponto de devorar, desde Janeiro a Março, setenta e sete volumes sobre a *evolução das ideias morais entre as raças negroides*. Ah! Nunca homem deste século batalhou mais esforçadamente contra a seca de viver! Debalde! Mesmo de explorações tão cativantes como essa, através da moral dos negroides, Jacinto regressava mais murcho, com bocejos mais cavos!” (QUEIRÓS, 1945b, p. 90).

<sup>18</sup> “Daí a pouco, através da porta aberta que nos separava, senti uma risada fresca, moça, genuína e consolada. Era Jacinto que lia o D. Quixote. Oh bem-aventurado Jacinto! Conservava o agudo poder de criticar, e recuperava o dom divino de rir!” (QUEIRÓS, 1945b, p. 110).

<sup>19</sup> “E a sua nova foi logo que o sr. D. Jacinto (em Torges, o meu amigo tinha dom) andava lá em baixo com o Sousa nos campos de Freixomil. – Então, ainda cá está o sr. D. Jacinto?! *Sua inselência* ainda estava em Torges – e *sua inselência* ficava para a vindima!” (QUEIRÓS, 1945b, p. 105).

*A biblioteca, que em duas salas, amplas e claras como praças, forrava as paredes, inteiramente, desde os tapetes de Caramânia até ao teto de onde, alternadamente, através de cristais, o sol e a eletricidade vertiam uma luz estudiosa e calma – continha vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate. [...] Nunca recordo sem assombro a sua mesa, recoberta toda de sagazes e sutis instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas, aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas! (QUEIRÓS, 1945b, p. 81 – primeira parte, grifos nossos).*

Ao lado, noutra sala, também de faiscante alvura, havia o conforto inesperado de três cadeiras de verga da Madeira, com braços largos e *almofadas de chita: sobre a mesa de pinho, o papel almaço, o candeeiro de azeite, as penas de pato espetadas num tinteiro de frade, pareciam preparadas para um estudo calmo e ditoso de humanidades: e na parede, suspensa de dois pregos, uma estantezinha continha quatro ou cinco livros, folheados e usados, o D. Quixote, um Virgílio, uma História de Roma, as Crônicas de Froissart (QUEIRÓS, 1945b, p. 106 – quinta parte, grifos nossos).*

Também destoam no conto, em criação da figura da antítese, o *vazio* existencial<sup>20</sup> em uma atulhada cidade e a *plenitude* da vida<sup>21</sup> na mais “despida” Torges, como se, em meio a tantos e artificiais aparatos, pouco âmbito restasse para a vida verdadeira (e vice-versa). Poderíamos desenvolver tal raciocínio pensando que se tem abstratamente, no jogo de caracterizações assim estabelecido, um quiasmo, pois ocorre intercruzamento entre as ideias de cheio e vazio (ora aplicadas ao espaço físico, ora à realização pessoal do protagonista): espaço pleno = vida “oca”; espaço oco = vida “plena”. No que se refere ao romance *A cidade e as serras*, demonstrou-se alhures (TREVIZAM; BARBOSA, 2011, p. 95-96) que a figura do quiasmo continua a desempenhar papel de peso neste outro relato queirosiano, mas em sentido distinto.

Dessa maneira, na biblioteca do 202 – o palácio de Jacinto em Paris – havia “estante monumentais, todas de ébano”, e nelas “repousavam mais de trinta mil volumes”, dando ao fidalgo o acesso a todos os pensadores “essenciais à cultura humana” (TREVIZAM; BARBOSA, 2011, p. 95-96). Em contrapartida, ao passo que a parte agrária – passada nas serras de Portugal – de *A cidade e as serras* concentraria muitas referências a poetas e autores greco-romanos, essas mesmas referências escasseiam em sua parte parisiense/urbana. Em

<sup>20</sup> Veja-se *supra* nota 16.

<sup>21</sup> Veja-se *supra* nota 19.

outras palavras, a cidade, “rica de cultura” no romance (por causa da biblioteca monumental do 202), é “pobre de cultura” quanto ao aspecto das citações aos clássicos da Antiguidade; as rudes serras do Minho, porém, “pobres de cultura” (por ali inexistirem bibliotecas tão completas quanto as de Paris), tornar-se-iam “ricas de cultura”, ou seja, amiúde relacionáveis aos clássicos segundo a descrição de Eça, gerando “quebra de expectativas” (TREVIZAM; BARBOSA, 2011, p. 95).

De forma condizente com o maior ou menor aparato de um ou outro espaço, também 4. os hábitos dos indivíduos que os ocupam sofrem indispensáveis modulações:

Mas Jacinto e seus filósofos, lembrando o que o experiente Salomão ensina sobre as ruínas e amarguras do vinho, bebiam apenas em três gotas de água *uma gota de Bordéus* (Chateaubriand, 1860).<sup>22</sup> [...] A sua [do ‘chef’ Sardão] sopa de alcachofras e ovas de carpa; os seus filetes de veado macerados em velho Madeira com purê de nozes; as suas *amoras geladas em éter*, outros acepipes ainda, numerosos e profundos (e os únicos que tolerava o meu Jacinto) eram *obras de um artista*, superior pela abundância das ideias novas – e juntavam sempre *a raridade do sabor à magnificência da forma* (QUEIRÓS, 1945b, p. 85 – segunda parte, grifos nossos).

Nada porém o entusiasmou como o vinho, o vinho caindo de alto, da grossa caneca verde, *um vinho gostoso, penetrante, vivo, quente, que tinha em si mais alma que muito poema ou livro santo!* Mirando à luz de sebo o copo rude que ele orlava de espuma, eu recordava o dia geórgico em que Virgílio, em casa de Horácio, sob a ramada, cantava o fresco palhete da Rética<sup>23</sup> (QUEIRÓS, 1945b, p. 101 – quarta parte, grifos nossos).

[...] e ali estava...

– Para todo o Verão?

– Para todo o sempre! E agora, homem das cidades, vem almoçar *umas trutas que eu pesquei*, e compreende enfim o que é o Céu.

As trutas eram, com efeito, celestes. E apareceu também *uma salada fria de couve-flor e vagens*, e um vinho branco de Azães... Mas quem

<sup>22</sup> Os antigos, similarmemente aos participantes dos banquetes filosóficos de Jacinto, também tinham o hábito de misturar o vinho com água, sendo o costume de beber vinho puro em geral reprimido e associado aos bárbaros (BORNECQUE; MORNET, 1977, p. 155).

<sup>23</sup> Citação de Virgílio, *Geórgicas* (livro II, v. 95-96): [...] *quo te carmine dicam, / Rhaetica?* – [...] “com que canto te celebrarei, / [ó vinha] Rética?” (trad. nossa).

condignamente vos cantará, comeres e beberes daquelas serras? (QUEIRÓS, 1945b, p. 101 – quarta parte, grifos nossos).

No “Jasmineiro”, mesclam-se os requintes de um vinho importado e datado (raro?), o qual se toma de modo peculiar,<sup>24</sup> aos prazeres delicados de uma mesa principesca, sendo-lhe indispensável a atuação de um cozinheiro profissional cujo *métier* o aproxima de um artista; sob um lado menos positivo, tal tipo dispendioso de gastronomia guarda pouca afinidade com tudo o que seria espontâneo e natural (como, no limite, atestam as “amoras geladas *em éter*”). A mesa de Torges, em contrapartida, prescinde da maior parte dessas sutilezas, sem, no entanto, deixar de oferecer com simplicidade, aos convivas, “um vinho gostoso”; esse tipo de bebida local, ainda, complementa a degustação de pratos rústicos – truta e vegetais, entre outros –, mas de todo impregnados de frescor.

Particularmente, o fato de as deliciosas trutas que José e Jacinto almoçam terem sido pescadas por esse último parece assumir significação especial, de autossuficiência e liberdade, no conto. Assim, em sua segunda parte (QUEIRÓS, 1945b, p. 86), durante um jantar principesco do fidalgo com um bispo, o elevador que trazia a comida no “Jasmineiro” – incluído um peixe –, da cozinha para o andar da refeição, emperrou;<sup>25</sup> então, foi preciso chamar *outros*, “pedreiros com alavancas”, para que o extraíssem. Ademais, no momento em que, de fato, os dois amigos cruzaram certa ponte sobre um ribeiro para seguir em montaria à quinta de Torges, após o desconforto e os imprevistos da viagem de trem, ali se depararam com... *abundância de trutas* e uma espécie de portal para o Paraíso terreno.<sup>26</sup>

Com efeito, a bela descrição do ambiente da serra, nesse entorno, evoca notas idílicas de um local situado à parte das mazelas do mundo:

O divino artista que está nos Céus compusera, certamente, esse monte numa das suas manhãs de mais solene e *bucólica inspiração*. A grandeza era tanta como a graça... Dizer os vales fofos de *verduras, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermídnhas branquejando nos altos, as rochas musgosas,*

<sup>24</sup> Veja-se *supra* nota 23.

<sup>25</sup> Em *A cidade e as serras*, há no quarto capítulo uma cena que reproduz exatamente esta situação, quando o elevador do 202 – o luxuoso palácio parisiense de Jacinto – emperra, ao transportar certo peixe doado pelo grão-duque da Dalmácia, convidado de honra de um banquete (QUEIRÓS, 1945a, p. 76-78).

<sup>26</sup> “A sapiência, portanto, está em recuar até esse honesto mínimo de civilização, que consiste em ter um teto de colmo, uma leira de terra e o grão para nela semear. Em resumo, para reaver a felicidade, *é necessário regressar ao Paraíso* – e fica lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho aos saltos entre o tomilho, e sem procurar, nem com o desejo, a árvore funesta da Ciência! *Dixi!*” (QUEIRÓS, 1945b, p. 109-110, grifos nossos).

*o ar de uma doçura de paraíso, toda a majestade e toda a lindeza – não é para mim, homem de pequena arte. Nem creio que fosse para mestre Horácio. [...] Os espertos regatos riam, saltando de rocha em rocha. Finos ramos floridos roçavam as nossas faces, com familiaridade e carinho. Muito tempo um melro nos seguiu, de choupo para castanheiro, assobiando os nossos louvores. Serra bem acolhedora e amável... Ah! Que beleza! (QUEIRÓS, 1945b – terceira parte, p. 94-95).*

No clássico estudo, *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, Curtius (2013, p. 252) pronunciou-se a respeito do *tópos* do *locus amoenus*, explicando que “seus elementos essenciais são uma árvore (ou várias), uma campina e uma fonte ou regato”, bem como que se admitem “o canto dos pássaros, umas flores e, quando muito, o sopro da brisa”. A maneira de esse teórico abordar a questão dos vários *tópoi* sob exame ao longo da obra citada demonstra que ele se aproximaria mais, nesse quesito, sobretudo da primeira definição básica de *tópos*/ “lugar” oferecida por Reboul (2004, p. 51),<sup>27</sup> ou seja, a de “argumento-tipo”, espécie de formulação retórico-poética disponível de memória para o orador-poeta, depois de a ter aprendido *de cor*.

No contexto da retórica forense, incitar à punição de um crime para que, através da impunidade, não se faça “convite” a futuros delitos semelhantes, bem como evocar o atenuante da infância infeliz do réu são exemplos possíveis de semelhante forma estereotipada de argumentar (REBOUL, 2004, p. 51). O mesmo Reboul (2004, p. 53), no entanto, junta como adendo a observação de que, a partir da retórica medieval, passou-se a entender os *tópoi* antes de mais nada como “espécies de trechos esperados e até obrigatórios”, como o lugar da modéstia afetada, o do *puer senilis* (“criança ajuizada”) e o do *locus amoenus*/“paragem agradável”, amiúde compreendido como cenário para o amor.

Por sua vez, Rebello (s.d., p. 2) observa que o *tópos* convencionalíssimo do *locus amoenus*, enraizado no pensamento clássico desde Homero,<sup>28</sup> “começou a ser empregado com muita frequência na poesia bucólica com o poeta grego Teócrito (séc. III a.C.) e Virgílio, poeta latino, (séc. I a.C.)”, conhecendo-se, a partir da obra desse último, vários exemplos de

<sup>27</sup> As outras duas são 2. *tópos* como “tipo de argumento”, ou seja, esquemas de pensamento que podem ser preenchidos de modos diferentes conforme o contexto (ex. lugar do mais e do menos, da quantidade e da qualidade etc.) e 3. perguntas específicas (quem? o quê? como? onde?) que se fazem em sequência e ajudam a dar corpo ao discurso (REBOUL, 2004, p. 53).

<sup>28</sup> “Ao traçarmos um percurso histórico, podemos afirmar que a existência de um *locus amoenus* já se faz presente no mundo grego. Temos muitos exemplos em Homero e Hesíodo. Na *Odisséia*, por exemplo, temos a ‘terra dos Ciclopes’, o ‘antro do gigante Polifemo’, a ‘gruta de Calipso’, a ‘ilha das vacas de Hélio’, ‘a gruta e o santuário das ninfas’ etc. E, o elemento constante que caracteriza o *locus amoenus* é um lugar particular, onde há água em abundância e vida tranquila, sem perigos” (REBELLO, 2012., p. 5).



uso [bucólica I, *Eneida* (canto VI, v. 637-641) etc.]; também em Horácio, é claro, encontram-se ocorrências do *locus amoenus*, como na *Epístola* I.X, 6-7:

Conservas o teu ninho; eu louvo riachos do campo  
ameno, pedras envoltas em musgo, e o bosque.<sup>29</sup>

De todo modo, tendo-se o *tópos* em pauta “libertado” do bucolismo, ao qual permaneceu fortemente associado por séculos, pôde difundir-se por outros gêneros literários – épica, tratadística e romance antigos, poesia medieval dos goliardos... (CURTIUS, 2013, p. 252-256) –, e chegar, como vemos, ao conto dos novecentos. Na verdade, todos os seus elementos constitutivos essenciais, conforme acima elencados por Curtius, são encontrados na passagem queirosiana que transcrevemos por último, a qual, por isso, passa a revestir-se de contornos classicizantes, ainda reforçados pela explícita menção ao poeta latino Horácio.

O derradeiro eixo de contraposição entre cidade e campo que desejamos comentar, tal como se desenvolveu em “Civilização”, diz respeito 5. ao aspecto sonoro dos respectivos ambientes do “Jasmineiro” e da quinta do Norte de Portugal. No tocante aos ruídos do ambiente urbano, convém primeiro referir o episódio do malogrado funcionamento do fonógrafo de Jacinto, o qual pusera para operar esse aparelho e, devido a um defeito mecânico inesperado, não conseguiu mais fazê-lo parar (QUEIRÓS, 1945b, p. 82-84). Ao longo desse trecho do conto, o leitor se depara, então, com o indesejado bordão do fonógrafo – *quem não admirará os progressos deste século?* –, repetido por nada menos que oito vezes!

Isso é completamente irônico, já que um aparelho criado para “facilitar” a vida humana e dar encantamento resulta em um autômato capaz de reverter por completo toda situação de conforto. Esse não corresponde ao único ruído, não necessariamente agradável, encontrável em meio ao luxo do “Jasmineiro”:

O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso caráter de civilização eram, sobre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento, – *a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatrofone, outros ainda*, todos com metais luzidios, todos com longos fios. *Constantemente sons curtos e secos retiniam no ar morno daquele santuário. Tique, tique, tique! Dlim, dlim, dlim! Craque, craque, craque! Trrre, trrre, trrre!...* Era o meu amigo comunicando. Todos esses fios mergulhados em forças universais, transmitiam forças

<sup>29</sup> *Tu nidum seruas; ego laudo ruris amoeni/ riuos, et musco circumlita saxa, nemusque* (Horácio, *Epístola* I.X, 6-7, trad. nossa).

universais. E elas *nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas!* (QUEIRÓS, 1945b, p. 82 – primeira parte, grifos nossos).

Assim como os estofos e o atulhamento de objetos, também esses sons resultam opressores para os habitantes do palácio, o que justifica Jacinto e José terem buscado refúgio, antes de o fonógrafo enfim poder ser silenciado por um eletricista, no frescor da rua. Ali, um “bando de raparigas, de volta das fontes, passava cantando com braçadas de flores: ‘todas as ervas são bentas/ em manhã de S. João’” (QUEIRÓS, 1945b, p. 84). O canto, justamente – ou outros ruídos naturais, não produzidos por máquinas –, faltava ao “Jasmineiro”, em inversa relação do que ocorre com a quinta de Torges:

E ao fundo das faias havia, com efeito, um portão de quinta, que um escudo de armas de velha pedra, roída de musgo, grandemente afidalgava. Dentro *os cães já ladravam com furor* (QUEIRÓS, 1945b, p. 95 – terceira parte, grifos nossos).

Através das janelas desvidraçadas, por onde se avistavam copas de arvoredos e as serras azuis de além-rio, o ar entrava, montesino e largo, circulando plenamente como em um eirado, com aromas de pinheiro bravo. E, lá embaixo, dos vales, subia, desgarrada e triste, *uma voz de pegureira cantando* (QUEIRÓS, 1945b, p. 97 – terceira parte, grifos nossos).

Esse enegrecimento de montes e arvoredos, casais claros fundindo-se na sombra, *um toque dormente de sino que vinha pelas quebradas, o cochichar das águas entre relvas baixas* – eram para ele como iniciações (QUEIRÓS, 1945b, p. 99 – quarta parte, grifos nossos).

Todo o fio de água, todo o tufo de erva, todo o pé de vinha o ocupava como vidas filiais porque fosse responsável. Conhecia certos *melros que cantavam* em certos choupos (QUEIRÓS, 1945b, p. 108 – quinta parte, grifos nossos).

Àquela hora, decerto, Jacinto, na varanda, em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via, sob a luz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre *o canto dos boieiros* (QUEIRÓS, 1945b, p. 112 – quinta parte, grifos nossos).

Além do canto dos pássaros e do rumor das águas em corredeiras, os latidos de cães não são estranhos à poesia bucólica antiga<sup>30</sup> e, sobretudo, ali se canta com enorme frequência, sobretudo o amor (PRIETO, 2001, p. 414). No primeiro poema dessa tradição, assim, que se atribui a Teócrito de Siracusa (séc. III a.C.), a personagem de Tírsis canta a um cabreiro pronunciando-se sobre Dáfnis (amigo de animais, cultor das Musas e Ninfas etc.), que morre de amor [idílio I (v. 64 *et seq.*)]; em Virgílio, as bucólicas de número dois e três, entre outras ocorrências possíveis, apresentam situações de canto “solo” ou alternado/amebeu: na primeira mencionada, o pastor Córidon extravasa poeticamente, em meio a uma natureza campestre, a dor de não ser correspondido em sua paixão pelo jovem Aléxis. O poema seguinte, dessa coletânea pastoril de Virgílio, faz-nos deparar uma competição de canto entre Menalcas e Dametas, tendo como árbitro o pegureiro Pálemon.

Por tal motivo, as referências supracitadas, em “Civilização”, ao “canto da pegureira” e ao “canto dos *boieiros*” assumem especiais ressonâncias clássico-bucólicas no âmbito do conto. Na verdade, o próprio nome do gênero bucólico da Literatura greco-latina, magistralmente representada sobretudo por Teócrito e Virgílio (séc. I a.C.), deve-se ao adjetivo grego *boukolikós*, que por sua vez se relaciona ao substantivo *boukólos* (“boieiro” ou “guardador de vacas”) e ao verbo *boukoléo*/ “apascentar” (CHANTRAINE, 1983, p. 189). A isso acrescentamos que a personagem de José, claramente, associa o destino ditoso do “novo” Jacinto a contornos decisivamente pastoris, quando diz sobre o amigo (em citação adaptada de Virgílio).<sup>31</sup>

*Fortunate Jacynthe! Tu inter arua nota  
et fontes sacros frigus captabis opacum.*

Afortunado Jacinto! Tu, entre campos conhecidos  
e fontes sagradas, fruirás da fresca sombra. (trad. nossa)

O próprio fato de se encerrar o conto com uma situação de “canto dos boieiros” *ao entardecer* já é bastante significativo da gradual<sup>32</sup> “bucolização” da ambiência e dos modos

<sup>30</sup> Na oitava bucólica de Virgílio, o cão chamado Híflax ladra diante da chegada de um desconhecido ao campo (... *Hylax in limine latrat*, v. 107). Seria, talvez, Dáfnis de retorno da cidade, depois que Alfesibeu empregou práticas mágicas, a fim de conseguir a volta desse ser amado?

<sup>31</sup> Virgílio, bucólica I (v. 51-52): *Fortunate senex, hic inter flumina nota/ et fontis sacros frigus captabis opacum.* – “Velho afortunado! Aqui, entre rios conhecidos/ e fontes sagradas, fruirás da fresca sombra” (trad. nossa). No contexto desta bucólica, Melibeu, devendo partir ao exílio da Arcádia – a terra imaginária dos pastores em Virgílio –, ao mesmo tempo lamenta sua sorte e louva a de Títiro, que ali ficará.

<sup>32</sup> Ainda na terceira parte de “Civilização” (QUEIRÓS, 1945b, p. 97), Jacinto declara “horroroso” o canto da pegureira de Torges (ao que José retruca: “é campestre!”).

de vida em “Civilização”,<sup>33</sup> na medida em que o fecho de poemas pastoris com referência ao findar do dia/ crepúsculo é uma espécie de cliché, mais de uma vez reproduzido nessa tradição da poesia antiga (JURADO, 2014, p. 310). Isso se dá, com efeito, tanto na bucólica I de Virgílio (v. 79-83) – quando Títilo convida Melibeu para passar a noite consigo e indicam o fim do dia o fumar das chaminés das choupanas rústicas e o alongamento das sombras – quanto na bucólica V (v. 119-121) de Calpúrnio Sículo (séc. I d.C.), na qual a personagem Mícon cessa de falar ao jovem Canto quando a Estrela da tarde sobrevém, fazendo o tempo esfriar.

## Conclusão

Espera-se, com os dados coligidos, ter dado a ver como Eça de Queirós deu curso ao tema – por que não dizer? – clássico da contraposição entre cidade e campo. Em seu percurso criativo o escritor, com efeito, sistematicamente se deteve em desenvolvê-lo não apenas em “Civilização”, mas ainda no romance *A cidade e as serras*. Isso implicou em que, como vimos, pudesse agregar muitos detalhes aos sucessivos eixos contrastivos presentes no conto, todavia sem deixar de lado aspectos já focalizados desde Homero. Assim, um ponto como a alimentação mais faustosa dos cidadãos fora abordado pelo épico grego na *ékphrasis* referente ao escudo de Aquiles (canto XVIII da *Ilíada*), bem como por Horácio, na sexta sátira do livro II; o luxo opressor e o aparato dos ambientes e costumes urbanos fora

---

<sup>33</sup> Sob perspectiva distinta da nossa, um artigo de Jurado (2014, p. 308 *et seq.*) procura demonstrar que, tanto em “Civilização” quanto em *A cidade e as serras*, haveria uma espécie de recriação da primeira bucólica de Virgílio, a partir da repetição de temas fulcrais desse poema. Tais temas seriam 1. a amizade masculina (entre os pastores Títilo e Melibeu nessa bucólica, entre José e Jacinto em Eça); 2. o ambiente bucólico; 3. a liberdade (Títilo, um ex-escravo, conta a Melibeu como recebera a alforria em Virgílio); 4. a chegada do amor em “idade tardia” (Títilo, depois de deixado por Galateia, deleita-se agora com Amarílis; os “Jacintos” das respectivas produções queirosianas não de casar-se com moças interioranas nas serras, depois de terem tido muitos casos amorosos nas cidades...); 5. o canto da imediatez; 6. a descrição da paisagem ao entardecer. Sem desdouro algum da hipótese que levanta – que, em alguns pontos, sobrepõe-se à nossa –, reafirmamos, porém, nossa posição a respeito de o tema básico das duas produções de Eça corresponder a contrapor cidade e campo, tal como se tem, magistralmente, nas *Laudes ruris* das *Geórgicas* virgilianas (livro II, v. 490-540). De resto, já havia alguma contraposição sumária entre o ambiente urbano e o ambiente do interior na bucólica I (v. 19-21), quando Títilo revela a Melibeu que se surpreendeu com a grandeza da cidade de Roma, aonde foi para ser libertado: ingenuamente, antes de conhecer esse centro urbano, ele a cria semelhante ao pequeno burgo rural das imediações de seu campo, lugar de ida costumeira dos pastores para a venda de animais do plantel. Mas Roma, constata, “tanto entre as demais cidades/ ergueu a cabeça quanto costumam os ciprestes (erguer) entre viburnos flexíveis” (... *tantum alias inter caput exulit urbes/ quantum lenta solent inter uiburna cupressi*. – v. 24-25, trad. nossa).

ênfatisado – em contraste com a alegre frugalidade campestre – na primeira porção das *Laudes ruris* virgilianas etc.

O escritor novecentista, ainda, não se furtou, de modo mais cerrado, a repercutir no conto em pauta uma específica tradição das Letras greco-romanas. Referimo-nos ao bucolismo, a que tal obra vai-se aclimatando aos poucos (inclusive através do emprego do *tópos* do *locus amoenus*) para, dissemos, chegar a incorporar no fecho um efeito mimético em plena harmonia com a passagem natural do tempo, de forma eminentemente evocadora de reminiscências da poesia pastoril para os leitores dos antigos. Com isso, entendemos, a “velha” tradição literária dos gregos e romanos não se estiola no olvido, mas, habilmente transplantada a solo fértil – assim como Jacinto –, de novo nutre, nutre-se e generosamente brota em paragens diferentes das suas.

## Referências

BARCHIESI, Alessandro. Lettura del secondo libro delle *Georgiche*. In: GIGANTE, Marcelo (org.). *Lecturae Vergilianae Volume Secondo: Le Georgiche*. Napoli: Giannini, 1982. p. 41-86.

BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio (org.). *Textos de Walter Benjamin*. Trad. Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985, p. 30-43.

BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. *Roma e os romanos*. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: E.P.U., 1977.

CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*. Trad., introdução e notas de João Beato. Lisboa: Verbo, 1996.

CATO, Marcus Porcus; VARRO, Marcus Terentius. *On agriculture*. Trans. by Harrison Boyd Ash. Cambridge, Massachusetts.: Harvard University Press, 1934.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1983.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Trad. Teodoro Cabral, colaboração de Paulo Rónai. São Paulo: Edusp, 2013.

EDWARDS, Anthony T. Homer’s Ethical Geography: Country and City in the *Odyssey*. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, vol. 123, p. 27-78, 1993.

EDWARDS, Anthony T. The Ethical Geography of Hesiod’s *Works and Days*. In: SKEMPIS, Marios; ZIOGAS, Ioannis (org.). *Geography, Topography, Landscape: Configurations of Space in Greek and Roman Epic*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2013. p. 95-136.

EL FAHL, Alana de Oliveira Freitas. *Inutilia truncat*: uma leitura do conto “Civilização” de Eça de Queirós. *Vertentes & Interfaces I: Estudos Literários e Comparados*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1 p. 10-19, jan./jun, 2010.

HESÍODO. *Trabalhos e dias*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (org.). *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HORACE. *The Epistles of Horace*. Trans. by David Ferry. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.

HORACE. *Satires*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JURADO, Francisco García. A cidade e as serras de Eça de Queiroz, o “esse adorável Virgílio”: del bucolismo a la palingenesia. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 304-325, jul./dez. 2014.

OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Organização de Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.

PRIETO, Maria Helena Ureña. *Dicionário de Literatura grega*. Lisboa: Verbo, 2001.

QUEIRÓS, José Maria de Eça de. *A cidade e as serras*. Porto: Lello & Irmão, 1945a.

QUEIRÓS, José Maria de Eça de. *Contos*. Porto: Lello & Irmão, 1945b.

REBELLO, Ivone da Silva. O *tópos* do lugar ameno (*locus amoenus*) e suas múltiplas facetas: da Antiguidade Clássica à época contemporânea. In: *Anais do 14º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 5º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP – Língua Portuguesa e Lusofonia: das tradições quinhentistas à infotecnologia do século XXI*. São Paulo, 2012. Disponível em: [http://www.ippucsp.org.br/downloads/anais\\_15\\_congresso/ivone-da-silva-rebello.pdf](http://www.ippucsp.org.br/downloads/anais_15_congresso/ivone-da-silva-rebello.pdf). Acesso em: 21 jul. 2021.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARAIVA, António José. *Iniciação à Literatura portuguesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SCANTIMBURGO, João de. *Eça de Queiroz e a tradição*. São Paulo: Siciliano, 1995.

SCHOEDER, Raymond V. Horace's Satiric Use of Fable. *The Classical Weekly*, Baltimore, vol. 37, n. 10, p. 112-114, jan. 1944.

THEOCRITUS. *Idylls*. Edited by R. J. Cholmeley, M.A. London: George Bell & Sons, 1901.

TITO LÍVIO. *Historia de Roma desde su fundación*. Trad. José Antonio Villar Vidal. Madrid: Gredos, 1990.

TREVIZAM, Matheus; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. Revisitações clássicas em "A cidade e as serras", de Eça de Queiroz. *Calígrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, vol. 16, n. 1, p. 87-118, 2011.

VALENTE, Augusto. 1860: Morria Schopenhauer, filósofo das contradições. In: *Notícias/Calendário Histórico*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1860-morria-schopenhauer-fil%C3%B3sofo-das-contradi%C3%A7%C3%B5es/a-6029990>. Acesso em: 21 jul. 2021.

VIRGIL. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 2003.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes, organização de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

**MATHEUS TREVIZAM**

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Orcid iD:** <https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

**Lattes iD:** <http://lattes.cnpq.br/9371338613375993>

**E-mail:** [matheustrevizam2000@yahoo.com.br](mailto:matheustrevizam2000@yahoo.com.br)